

## PERCEPÇÃO AMBIENTAL E COMPORTAMENTO DOS IDOSOS DIANTE DA PANDEMIA DE COVID 19

**MARIANA PORTO ROTTA<sup>1</sup>; RAFAEL OLIVEIRA CORRÊA LUZ<sup>2</sup>; MATHEUS GOMES BARBOSA<sup>3</sup>; LIZIANE DE OLIVEIRA JORGE<sup>4</sup>; NIRCE SAFFER MEDVEDVOSKI<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas - marirotta@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - arq.rluz@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas - matheusbarbosa.ingenharia@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal do Espírito Santo - lizianej@gmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas - nirce.sul@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Diante do diagnóstico de um tipo de infecção respiratória em Wuhan, a China notificou a Organização Mundial da Saúde (OMS), em dezembro de 2019, sobre uma doença respiratória aguda grave, transmitida por uma nova variação do coronavírus e denominada COVID - 19. Devido ao aumento expressivo de casos e uma possível disseminação global, a COVID-19 foi caracterizada como uma pandemia. O primeiro caso, no Brasil, foi registrado na cidade de São Paulo, em fevereiro de 2020 (OPAS, 2020).

O presente trabalho aborda o comportamento e a percepção dos idosos, diante do distanciamento social instaurado em decorrência da pandemia. O objetivo é identificar como as restrições estabelecidas afetaram o comportamento dos idosos e compreender a percepção desse grupo social sobre os aspectos de caminhabilidade, deslocamento e diminuição de interação.

A população brasileira passou por um processo de envelhecimento significativo nas últimas décadas, com o crescimento da proporção de idosos e o maior tempo de vida dos indivíduos. Esta parcela da população compõe o grupo mais suscetível à Covid-19, devido ao envelhecimento natural do sistema imunológico, o que diminui a capacidade de defesa do corpo (OPAS, 2020).

As medidas de isolamento descortinaram a vulnerabilidade dos idosos, fragilizados por comporem o grupo de risco para a doença, e trouxeram à tona apreensões e angústias pelas restrições impostas à rotina cotidiana. A antropóloga Goldenberg (2020) destaca, ainda, a perda de "seu bem mais precioso: a liberdade de ir e vir". Alguns estudos realizados comprovam as vantagens da caminhada para a saúde dos indivíduos. O crescimento desta atividade física é utilizado como estratégia pela saúde pública para promover um estilo de vida e envelhecimento saudável e ativo. Andar proporciona interação, estimula a autonomia e o sentido de comunidade entre os pós-sexagenários, que devido às restrições motoras podem sofrer com confinamento (OMS, 2005).

"Diariamente, bilhões de pessoas no mundo realizam algo em comum sem dar a devida importância a isso: elas caminham." (TSAY, 2017, p.31). Segundo o documento da Walk 21(2006), andar tem grande relevância e o ato de "caminhar é a primeira coisa que um bebê deseja fazer e a última coisa que um idoso deseja renunciar". Deslocar-se a pé, se estende além de uma categoria da mobilidade ativa, andar permite perceber, apropriar-se, compreender e analisar os lugares da cidade.

### 2. METODOLOGIA

A investigação é um estudo de caso realizado na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), o qual é classificado como o segundo no país com maior proporção de habitantes com mais de 60 anos. O município é selecionado pela significativa presença de idosos na população total, além de ser a terceira maior cidade do Estado (IBGE, 2010).

A Rua General Osório destaca-se na rede de mobilidade municipal, pois é um importante eixo viário que conecta as macros regiões do Centro e das Três Vendas (Figura 01). Localizada na região central da cidade, a rua possui grande fluxo de pessoas e veículos, intensificado pelo trajeto do transporte coletivo e também pela diversidade no uso do solo, que atrai indivíduos em decorrência da grande oferta de comércio e serviços.

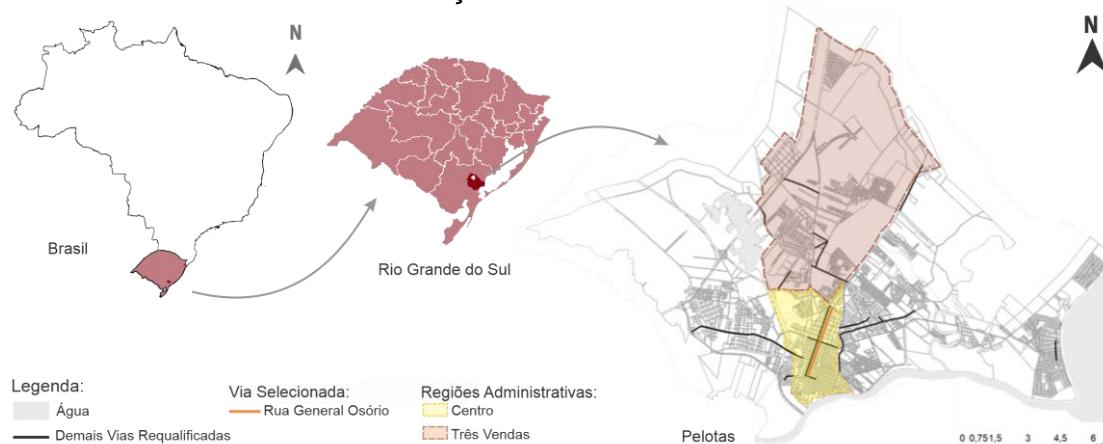


Figura 1 - Área urbana de Pelotas com destaque para as regiões administrativas, vias reestruturadas e à Rua Gen. Osório. Fonte: Autores, 2020.

A Rua Gen. Osório é qualificada como Coletora Preferencial e foi modificada a partir de edital de requalificação, no ano de 2015. Através de recursos do Programa de Aceleração do Crescimento foram investidos 9 milhões de reais para renovação de 3.284,00m. Algumas das intervenções realizadas foram: a construção de uma faixa exclusiva para ônibus, pavimentação asfáltica, alargamento das calçadas, guarda corpo, rampas, pisos tátil, bancos, iluminação, sinalização, entre outros elementos (PELOTAS, 2018).

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como objetivo, identificar o comportamento e a percepção de risco de pedestres idosos nos cruzamentos com intensos fluxos de circulação. Os procedimentos presenciais, como a caminhada-teste e entrevista, sofreram alterações diante da Pandemia da Covid-19. Diante das incertezas e das medidas adotadas pelas autorizadas, foi necessário realizar ajustes e entrevistar os idosos por telefone, sendo esta a opção mais viável no momento. Conforme Sommer e Sommer (2002) as entrevistas por telefone tornaram-se uma alternativa possível pelo avanço da tecnologia, mas apresentam alguns problemas característicos, como identificar o melhor momento do dia para que não ocorra a interrupção de atividades pessoais.

Com o objetivo de diagnosticar como o isolamento afetou os idosos com relação à caminhabilidade no período da quarentena e compreender como as medidas modificaram suas rotinas, foram aplicados dois tipos de entrevistas, realizadas em momentos diferentes de isolamento social. No primeiro momento foram feitas entrevistas por telefone com 10 idosos, que anteriormente colaboraram com a pesquisa “*Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities*”<sup>1</sup>. A partir destes contatos foi realizada a seleção dos voluntários, em um momento de restrição do funcionamento do comércio em

<sup>1</sup> “*Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities*”, pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos Comportamentais da Faurb/UFPel, coordenada pela Dra. Adriana Portella (BR) e Dr. Ryan Woolrych (UK), que tem como objetivo explorar o envelhecimento em diversos contextos urbanos, sociais e culturais.

geral, com exceção de estabelecimentos considerados de primeira necessidade. No segundo momento, foram realizadas entrevistas *in loco* com indivíduos selecionados ao acaso, em um período de maior flexibilização das atividades, e no terceiro momento, foram realizadas pelo telefone mais 10 entrevista, quando foi declarado Estado de Calamidade Pública e o aumento das restrições impostas pelo Governo do Estado (Fig. 2).

As entrevistas consideraram aspectos diversos da mobilidade: origem-destino; familiaridade com a via; hábitos nas travessias; percepção de risco; e os efeitos da COVID-19 e a percepção do trânsito durante o período da pandemia e expectativas da mobilidade em um contexto de pós-pandemia.



Figura 2 – Esquema da relação da metodologia com os Decretos Municipais vigentes em cada etapa. Fonte: Autores, 2020.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme as respostas obtidas, a partir das perguntas relacionadas ao período de quarentena, que abordava a forma como os indivíduos de idade avançada sentiam-se durante as restrições do isolamento social e como suas rotinas de deslocamentos foram impactadas, os resultados indicaram que alguns idosos são resistentes às condições estabelecidas como exposto neste trecho: “*Eu saio todos os dias, (...) tô louca pra ir no supermercado, mas eu vou, me protejo e vou*”. Alguns se consideram bem adaptados “*Olha eu não me preocupo, eu tô tranquila Graças a Deus, tô tranquila, me cuido, saio só quando necessário, mas não me estresso*”. Outros ao contrário percebem de forma negativa as mudanças que impactam a forma como vivem na cidade. Esses aspectos podem ser observados nos trechos das entrevistas a seguir: “*Olha, no inicio eu não saí nunca, (...) depois eu comecei a me angustiar demais aí eu comecei a ir no caixa eletrônico, (...) eu podendo ir lá no caixa eletrônico eu já fico feliz porque ai eu pego um solzinho, dou uma caminhada (...)*”.

Alguns idosos sentem falta de caminhar para exercerem suas atividades cotidianas, conforme pode se observar na fala da entrevistada a seguir: “*Eu gosto muito de rua. Eu sinto vontade de caminha (sic) aí na Praça, (...) eu as vez (sic) saio, dou umas voltinha aí a pé, aí pego o carro e dou um volta... pra, pra (risos), pra fica melhor né (sic)?*”

No período de pandemia, o deslocamento mínimo, o distanciamento entre as pessoas e as atividades identificadas como estritamente necessárias, demonstraram variações entre os participantes. Alguns dos idosos relataram que não saíram de casa no início da quarentena e que ir ao supermercado, banco e farmácia eram atividades realizadas pelos seus familiares. Já os que não tinham essa possibilidade comentaram os problemas encontrados, como a demora na circulação dos ônibus por conta dos decretos, grande quantidade de gente na rua,

desrespeito ao distanciamento e mau uso das máscaras faciais, como nos registros: “*acho que o pessoal, ninguém tá respeitando, bah! acho que a gente tá piorando a situação porque o pessoal não tá levando a coisa a sério (sic)*”.

Quanto aos aspectos relacionados à movimentação/circulação nas ruas, a alta velocidade e o intenso fluxo de veículos foi um fator mencionado pelos entrevistados como empecilho no deslocamento seguro, mas a expectativa de retorno à “normalidade” referente à circulação de pedestres e veículos é frequentemente mencionada pelos idosos, como pode ser observado nos trechos: “*Eu queria que fosse normal como era né? Ficou muito parado (...)*” e “*Eu gostaria que fosse igual ao que era antes né, agora claro vai te que ser uma retomada gradual, porque realmente tem muita gente que não entende o perigo (...)*”. Aspectos como o medo e a angústia em relação ao futuro também são mencionados. “*O problema é esse né porque se você quer quando não tem nada, se você qué saí você sai, se não qué saí não sai, agora, por exemplo, eu quero sair e não posso, sabe, não posso, tenho medo né, da doença sabe, até tenho as máscaras tudo, (...) mas eu tenho medo de sair sabe, porque não é só o rosto, você tem a mão onde você toca sabe, não é só a mão (...) tá difícil sabe, mas enfim a gente tem que enfrentar vai fazer o que*”.

#### 4. CONCLUSÕES

Nota-se que os idosos sentem falta de caminhar para exercerem suas atividades cotidianas, assim como da vivacidade das ruas e da intensa circulação de pessoas, apesar das restrições e dificuldades. Os idosos identificaram alguns aspectos do isolamento como negativos, a expectativa de retorno à “normalidade” referente à circulação de pedestres e veículos é frequentemente mencionada, assim como o medo e a angústia em relação ao futuro. Conclui-se que a necessidade das cidades proporcionarem ruas seguras para a caminhada já era uma demanda relevante, e a partir da pandemia revelou-se a emergência em incorporar soluções voltadas para a mobilidade ativa, segura e em situações de distanciamento social adequado. Assim, quando os idosos saírem às ruas, será possível sentir novamente os benefícios e as sensações que o ato de caminhar proporciona.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (2010). Disponível em: [agenciadenoticias.ibge.gov.br](http://agenciadenoticias.ibge.gov.br) (acesso em: 08 de mai. 2019).
- Goldenberg, M. (2020), Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga. BBC News Brasil, 2020, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. (acesso em: 11 ago. 2020).
- OPAS - **Organização Pan-Americana da Saúde** (2020), Folha Informativa – Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: [www.paho.org/pt/covid19](http://www.paho.org/pt/covid19) (acesso em: 01 de junho de 2020).
- Pelotas (2019), Site Oficial da Prefeitura Municipal de Pelotas, disponível em: [www.pelotas.rs.gov.br](http://www.pelotas.rs.gov.br), (acesso em: 24 de nov. de 2019).
- Sommer, R. & Sommer, B. (2002), **A practical guide to behavioral research: Tools and techniques**. Fifth Edition: Oxford.
- Tsay, S. (2017), *Caminhando pelo mundo: Conversas globais e ações locais*. in: Andrade, Victor; Linke, Clarisse Cunha (org.), **Cidades de pedestres: A caminhabilidade no Brasil e no mundo**, Babilonia Cultura Editorial, Rio de Janeiro. p. 43-53.
- Walk21. (2006), **International Charter for Walking Retrieved**, disponível em: [www.pedestrians-int.org/images/IFP/pdf/key\\_doc/charter\\_EN.pdf](http://www.pedestrians-int.org/images/IFP/pdf/key_doc/charter_EN.pdf) (acesso em: 28 de março 2018).